

## DESENVOLVIMENTO INICIAL DE PLÂNTULAS DE *TABEBUIA IMPETIGINOSA* (MART EX DC) STANDL. BIGNONIACEAE SOB DIFERENTES NÍVEIS DE SOMBREAMENTO

Quézia Critina Cantuário de Andrade<sup>1</sup>; Anna Carolina Martins Moraes<sup>2</sup>; Tércia dos Santos Neves<sup>3</sup>; Antônio Moçambique Pinto<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Bolsista PIBIC/CNPq/INPA; <sup>2</sup>Colaboradora INPA; <sup>3</sup>Orientadora CPST /INPA; <sup>4</sup>Co-orientador CPST/INPA

### 1. Introdução

A Amazônia é a maior floresta tropical do mundo, no entanto este quadro pode ter grandes mudanças em função do ritmo acelerado do desmatamento. O desmatamento na Amazônia, principalmente, em áreas de terra firme tem sido foco de interesse e preocupação, não só nacional, mas mundial uma vez que a mesma representa uma das últimas fronteiras florestais e a maior extensão de floresta tropical remanescente, em grande parte intocada e de elevada diversidade biológica. Neste contexto, a intensificação no interesse de propagar espécies florestais nativas, devido à ênfase atual nos problemas ambientais, plantios florestais, demanda crescente de espécies nativas para a recomposição das matas naturais devastadas gera a necessidade de produção de mudas dessas espécies cujo sucesso depende do conhecimento prévio de suas características fisiológicas, exigências ecológicas e da influência dos fatores ambientais no comportamento das mesmas nas diversas etapas do seu desenvolvimento (Pinto et al., 1993). O mais importante objetivo em pesquisas de viveiro é a produção de mudas com alto potencial para o crescimento e sobrevivência quando plantadas no campo (Sasaki & Mori, 1981). *Tabebuia impetiginosa* (Mart ex DC) Standl., conhecida popularmente como Ipê Roxo, é uma espécie arbórea da família Bignoniaceae, sua ocorrência se estende desde o Piauí, passando por Ceará até Minas Gerais, Goiás e São Paulo. (Lorenzi, 2000) Seu habitat geralmente é em mata pluvial atlântica como na floresta semidecídua. Ocasional no cerrado, caatinga. Floresta Ombrófila Densa (Floresta Amazônica e Floresta Atlântica); na Floresta Estacional Decidual, em Mato Grosso do Sul. A madeira de *Tabebuia impetiginosa* (Mart ex DC) Standl. A madeira é muito pesada (densidade 0,96 g/cm<sup>3</sup>), muito dura ao corte, grã direita, textura fina a média, resistente ao ataque de organismos xilófagos. É apropriada para construções externas, como dormentes, cruzetas, postes, etc, para esquadrias e lambris, para trabalhos de torno, confecção de artigos esportivos, como bolas e bocha e boliche, acabamentos internos, como tacos e tábuas para assoalhos, degraus da escada, etc. (Lorenzi, 2000) O presente trabalho teve como objetivo avaliar o desenvolvimento inicial de plântulas de *Tabebuia impetiginosa* (Mart ex DC) Standl. Bignoniácea, em diferentes níveis de sombreamento, visando a produção de mudas vigorosas.

### 2. Material e Métodos

O experimento foi realizado no Km 43 da Estrada Manaus- Boa vista, área pertencente à Estação Experimental de Silvicultura Tropical, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (EEST/INPA). As mudas para este experimento foram produzidas em caixas plásticas de 15x20x30cm utilizando como substrato areia, barro e esterco de galinha, nas proporções 3:2:0,5. O experimento foi instalado com sementes provenientes de árvores do INPA – V8, os frutos foram coletados no dia 22 de setembro de 2009, não houve necessidade de tratamento de quebra de dormência. As plantas foram repicadas para sacos plásticos de polietileno preto quando possuíam dois a três pares de folhas. Três meses após a repicagem foi instalado o experimento no viveiro sob diferentes níveis de sombreamento (0, 30, 50 e 70%). O sombreamento foi obtido artificialmente através de armações cobertas com telas de poleolefinas de cor preta, comercialmente chamado de sombrites, as telas recobriam as porções superior e lateral das armações. No decorrer da experimentação, os canteiros foram irrigados diariamente e as ervas daninhas eliminadas. As coletas foram feitas a 30, 60 e 90 dias após a repicagem das mudas após cada coleta, as plantas tiveram as raízes cuidadosamente lavadas e no laboratório foram avaliadas das seguintes variáveis: altura, diâmetro, altura do colo, área foliar e relação diâmetro/altura, relação massa seca da raiz/massa seca da parte aérea. A altura total da muda (cm) foi avaliada pela distância do colo até a gema apical com o auxílio de uma régua milimetrada. A cada avaliação, a partir da instalação do experimento foram coletadas 8 mudas de cada um dos quatro tratamentos (níveis de sombra). Os pesos (g), parte aérea (caule e folhas), sistema radicular e total, foram obtidos após a secagem em estufa a 75°C, até atingir peso constante e analítica com precisão 0,0001g. cada parcela experimental foi constituída por 50 mudas por nível de sombreamento (incluindo a bordadura), num total de 200 mudas. Aos trinta, sessenta e noventa dias houve uma avaliação das plantas. A análise estatística das variáveis foi feita através de regressão.

**3. Resultados e Discussão**

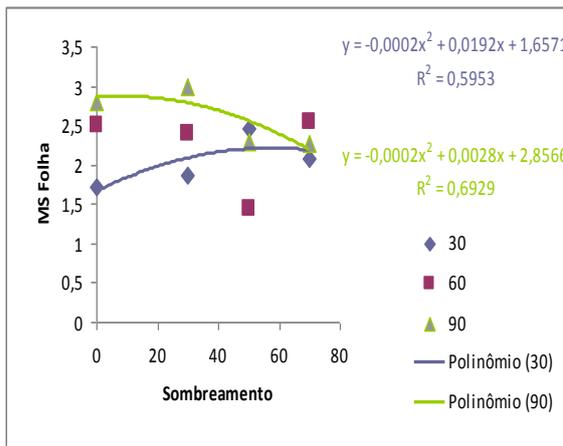


Fig.1 – MS folha

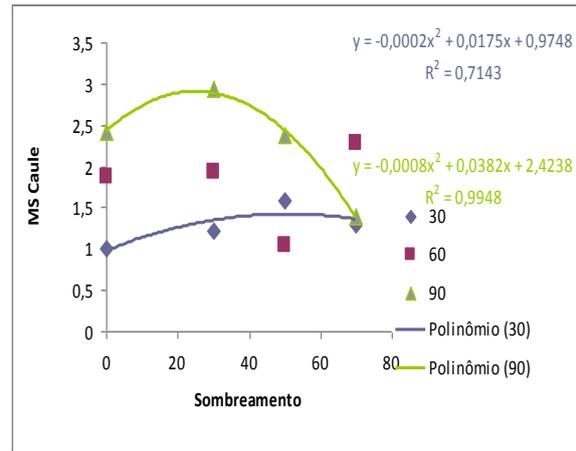


Fig.2 – MS Caule

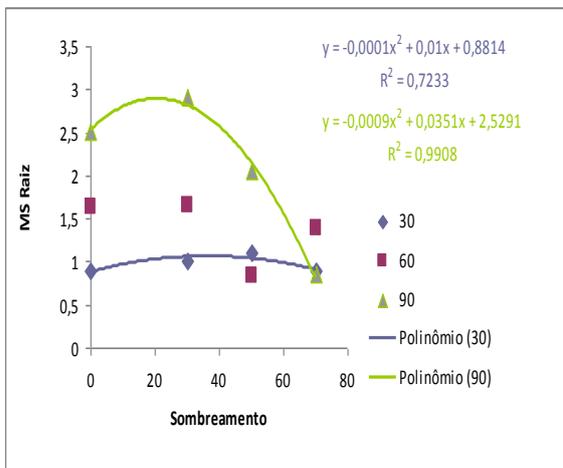


Fig.3- MS raiz

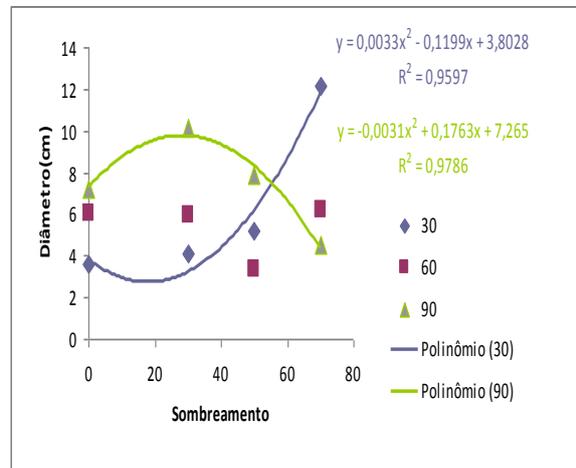


Fig.4- Diâm(cm)

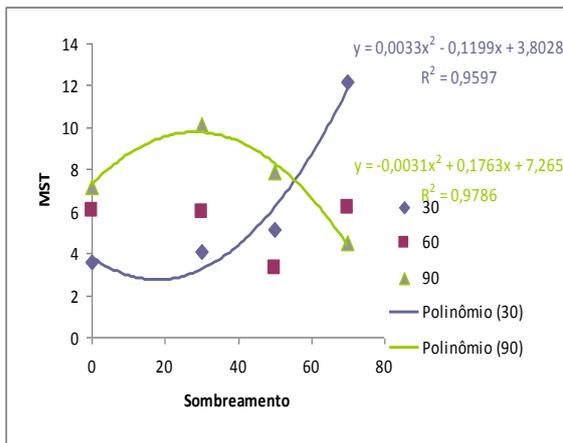


Fig.5 – MST

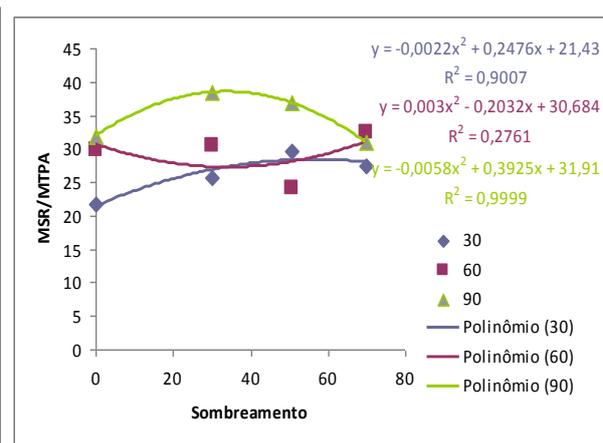


Fig.6 – MSR/MSPA

Figura 1. Efeito do sombreamento da massa seca da folha na *Tabebuia impetiginosa*; Figura 2. Efeito do sombreamento na massa seca do caule na *Tabebuia impetiginosa*; Figura 3. Efeito do Sombreamento da massa seca da raiz na *Tabebuia impetiginosa*; Figura 4. Efeito do sombreamento do diâmetro na *Tabebuia impetiginosa*; Figura 5. Efeito do sombreamento da massa seca total da *Tabebuia impetiginosa*; Figura 6. Efeito do sombreamento da relação massa seca da raiz e massa seca de parte aérea na *Tabebuia impetiginosa*.

Em relação à massa seca da folha (Fig. 1), constatou-se que aos 30 dias houve crescimento da massa seca até 50% de sombreamento mantendo-se constante até 70%. Aos 90 dias verificou-se que os valores decresceram com o aumento do sombreamento. Com relação à massa seca do caule (Fig. 2), aos 30 dias de tratamento houve crescimento da massa com o sombreamento até 50% e uma leve queda em 70%. Aos 90 dias houve aumento no sombreamento de 30% e queda abrupta até 70%. Observa-se que na massa seca da raiz (Fig. 3) em 30 dias no tratamento de sombreamento não houve diferença significativa entre tratamentos. No período de 90 dias houve um aumento no sombreamento (30%) e queda abrupta até 70%. Com relação ao diâmetro (Fig. 4) Aos 30 dias houve um pequeno decréscimo antes de chegar aos 30% e ficando com aumento constante até 70%. No período de 90 dias houve aumento no crescimento do diâmetro até 30% e decréscimo até 70%. Com relação a massa seca total (Fig. 5) em 30 dias houve uma pequena queda na massa seca, aumentando antes de chegar a 30% de sombreamento e continuando até 70%. Aos 90 dias o crescimento da massa ocorreu até 30% de sombreamento, quando houve redução até 70%. Em relação a massa seca da raiz e massa seca da parte aérea (Fig. 6), aos 30 dias tendeu-se a aumentar o crescimento, estabilizando em 50-70%. Aos 60 dias houve um decréscimo até 50% aumento até o nível de sombreamento em 70%. Aos 90 dias, seu pico de crescimento no sombreamento aconteceu em 30%, decrescendo logo após.

#### 4. Conclusão

O ipê rosa é uma espécie heliófila por isso se adapta melhor aos mais altos níveis de luz. A planta terá melhor êxito quanto menor forem as condições de sombra sobre as mudas. Ao introduzi-las em viveiro de produção de mudas, recomenda-se a estas plantas baixos níveis de sombreamento, no seu desenvolvimento inicial.

#### 5. Referências

- CARVALHO, PE.R. 2003. Brasília: *Embrapa Informações Tecnologia*; Colombo, Pr: Embrapa Florestas, 2003. 1039 pg
- LORENZI, W. 1992. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa, SP: Editora plantarum, 1992. 352p.
- PINTO, A.M.; VARELA, V.P.; BATALHA, L.F.P. 1993. Influência do sombreamento no desenvolvimento de mudas de louro pirarucu (*Licaria canella* (Meissn) (Korterm). *Acta Amazônica*, 23:(397-404).
- SASAKI, S & AMORI, T. Growth responses of *dipterocarp* seedling to light. The Malayan Forester, Japan,. V.44, nº2 &3, 1981, p.319-345.